



29(1):27-43
jan/jun 2004

A OPERAÇÃO ENSAIO: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida

Jorge Larrosa

RESUMO – *A operação ensaio. Sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida.* Sabe-se que Foucault qualificou seu pensamento como “ensaio”. Assim, o tema deste artigo é ver de que maneira Foucault inventa o ensaio, questionando alguns dos pressupostos que o constituem como um dos gêneros fundamentais da modernidade. Fazemos essa operação considerando a questão do presente (o ensaio como um pensamento no presente e para o presente); a questão da autoria (o ensaio como um pensamento na primeira pessoa); a questão da crítica (o ensaio como um pensamento que parte de um distanciamento crítico) e a questão da escrita (o ensaio como um pensamento consciente da sua própria condição de escrita).

Palavras-chave: *Foucault, ensaio, experimentação, escritura, filosofia.*

ABSTRACT – *Operation essay: on essaying and essaying oneself on thought, writing, and in life.* Often Michel Foucault stated that his own work and thought were “essays”. From this point of view, this paper discusses the different ways by which Foucault make a re-invention of the essay, as a fundamental literary gender in Modernity. This is done by taking into account the question of present (the essay as a thought in the present and for the present); the question of author (the essay as a thought in the first person); the question of the critique (the essay as a thought that is made from a critical distance) and the question of the writing (the essay as a thought that knows its own writing condition).

Keywords: *Foucault, essay, experience, writing, philosophy.*

Ensaïar e perguntar foi todo o meu caminho.
Friedrich Nietzsche

Todos nós nos tornamos *maiores*. Há anos estamos lendo Foucault, explicando Foucault, comentando Foucault, buscando compreendê-lo, aplicá-lo, usá-lo, tentando manter viva uma obra que nunca quis ser “obra”, tratando de seguir trabalhando em alguma das mudanças que levam o seu nome, tentando pensar em alguma das direções que ele apontou. Mas, neste tempo, senhoras e senhores¹, todos nós nos tornamos maiores. Passados vinte anos da morte de Foucault, talvez seja a hora de fazer o balanço. Talvez tenhamos nos reunido para isso. No entanto, nesses vinte anos, somos nós que nos tornamos maiores, e tenho a sensação de que, para muitos de nós, que nos tornamos maiores, um balanço da obra de Foucault se confunde com um balanço de nós mesmos. Por isso, fazer um balanço do que há de “vivo” na obra de Foucault supõe, talvez, fazer um balanço do que há de “vivo” em nós: nas nossas palavras, nas nossas idéias, na nossa forma de escrever e de ler, na nossa forma de pensar, em todas essas coisas que somos e fazemos e que, de algum modo, a leitura de Foucault contribuiu – e talvez siga contribuindo – para formar e transformar. Não tenho a menor dúvida de que, sem Foucault, vocês e eu seríamos outros. Não sei se melhores ou piores, mas, em qualquer um dos casos, outros.

Nós somos, talvez já, inevitavelmente, os que líamos Foucault. Para mim, como para muitos de vocês, a obra de Foucault marcou os anos da juventude, os anos da aprendizagem, os anos das decisões, os anos em que a gente se leva a sério, os anos em que talvez se configura o fundamental de nosso modo de situar-nos em relação ao mundo, aos outros e a nós mesmos. Mais concretamente, os anos nos quais se constitui o fundamental de nossa maneira de nos depararmos com esse nosso estranho ofício das palavras e das idéias. Para mim, a marca de Foucault está na formação do meu modo de escrever e de ler, do meu modo de pensar, do meu modo de habitar esse paradoxal ofício de professor, esse ofício que tem a ver com escrever e fazer escrever, com ler e dar a ler, com certos modos de falar e de ouvir, modos de pensar e de dar a pensar. Depois, como muitos de vocês, segui lendo, explicando e comentando Foucault, mesmo que cada vez menos, e tratei de aplicar algum de seus conceitos ou desenvolver algum de seus problemas, mesmo que cada vez menos. Agora sei muito mais de Foucault do que sabia, e creio que o entendo melhor do que entendia. Inclusive, é possível que, direta ou indiretamente, eu tenha feito alguma contribuição ao desenvolvimento dos estudos foucaultianos, em algum dos campos em que trabalhei. Agora me tornei maior. No entanto, o nome Foucault e, portanto, esta reunião que estamos fazendo em nome de Foucault me traz, inevitavelmente, esse inquietante aroma de juventude. Ítalo Moricone, em sua conferência neste mesmo seminário, falou de como Foucault foi recebido nos ambientes intelectuais e militantes do Rio de Janeiro, como um modo juvenil de pensar, como a forma-juventude de fazer filosofia, como a forma-juventude do sujeito filosófi-

co. Isso foi o que também aconteceu comigo na minha juventude. Talvez seja por isso que, quando pensava o que seria este encontro, e quando decidia qual poderia ser a minha contribuição para o mesmo, me deu vontade de lhes propor um balanço, só que não de Foucault, mas de nós mesmos, do que significa para cada um de nós o fato de que, marcados profundamente pela leitura juvenil de Foucault, nos tornamos maiores.

Alguns de vocês devem estar temendo um exercício retrospectivo de caráter marcadamente senil e, portanto, tão narcisista como carente de interesse, em relação a saber como chegamos a ser o que somos ou, o que seria ainda pior, um discurso de caráter marcadamente moralista – logo, insuportável –, sobre a fidelidade ou a traição aos nossos propósitos da juventude, sobre o que permanece e o que não permanece em nós do tempo em que éramos jovens e líamos Foucault. Espero não cair nisso. Mas, sim, quero começar este exercício com uma pequena nota autobiográfica que o justifique. E que diga algo, talvez não completamente trivial, sobre o que é que significa, ao menos para mim e, talvez, para alguns de vocês, o fato de que houve um tempo em que líamos Foucault e que, agora, nos tornamos maiores.

Dizem que quando Foucault era jovem queria ser Blanchot. Talvez possamos pensar, pelos desvios de sua obra, que mais tarde ele quis ser um grego da época clássica, talvez um epicurista ou um cínico. Embora, isto sim, um epicurista que tivesse lido Blanchot. E, por meio de Blanchot, a Nietzsche. E, por meio de Nietzsche e de Paul Veyne, aos gregos. A mim me parece que Foucault queria mesmo era ser um grego no século V antes de Cristo, que dava conferências numa Califórnia do final do século XX, na qual ainda percebiam-se as marcas contraculturais dos anos 70.

Eu, quando era jovem, queria ser Foucault. Em algum momento dessa juventude cada vez mais distante, passei uns meses em Paris, no arquivo de Foucault, que então estava na mesma biblioteca na qual Foucault tinha trabalhado nos últimos anos de sua vida. Nessa biblioteca estava não só a obra de Foucault, como, também, muitos dos textos gregos e latinos que Foucault lia e consultava. De sorte que, quando encontrava uma citação de Sêneca ou de Marco Aurélio, podia me permitir o luxo de pedir os mesmos exemplares de Sêneca ou de Marco Aurélio que Foucault tinha lido, às vezes com marcas e sublinhados do próprio Foucault, e continuar a leitura. Então, o que me aconteceu é que passava mais tempo lendo Sêneca e Marco Aurélio do que ao próprio Foucault. Por outro lado, como o que eu queria era ser francês, e não espanhol, e como cada vez mais tinha a impressão de que Foucault era talvez um dos maiores nessa maravilhosa tradição dos moralistas franceses que começa com Montaigne e que atravessa, de forma tão nobre, a assim chamada Ilustração – com personalidades do porte de Montesquieu ou de Voltaire, ou do próprio Rousseau –, comecei a ler Montaigne, num francês do século XVIII, que me lembrava o rústico catalão dos meus avós. Se para ser espanhol é preciso ler *Dom Quixote*, para ser francês, pensava eu, há que se ler Montaigne. E aí sim veio o deslumbramento. Tanto que

decidi que queria mesmo era ser Montaigne. Embora, isto sim, um Montaigne que tivesse lido Foucault e que, talvez, até poderia dar conferências, senão na Califórnia, em alguns lugares desse Brasil brasileiro que então, para mim, era somente uma vaga imagem do distante.

Naquela época eu andava tomando notas para aquilo que, depois, seria o meu primeiro livro; um livro sobre a experiência da leitura, mas, acima de tudo, um livro no qual eu estava aprendendo a escrever, no qual eu tratava de criar um estilo próprio (com o perdão da expressão), no qual tentava apropriar-me de uma certa biblioteca e, também, por que não dizer, apropriar-me de alguns assuntos em relação aos quais eu poderia me apresentar como “especialista”. Esse livro, naturalmente, tem um capítulo sobre Montaigne e um capítulo sobre Foucault; e como, quando finalmente foi publicado, eu já tinha feito alguma conferência no Brasil, também tem um capítulo que é resultado de uma conversa em Porto Alegre com Alfredo Veiga-Neto, um dos responsáveis pelo fato de o Brasil ser hoje, em parte, foucaultiano. Para que vocês tenham uma idéia daquela bela primavera em Paris, na qual eu traía Foucault lendo Montaigne, na qual eu tentava me distanciar do concurso de imitadores de Foucault, querendo ser Montaigne e, talvez – ai de mim! – para recuperar algo desse espírito de juventude... algo do aroma daquele tempo no qual, entre Foucault e Montaigne, eu ainda estava buscando a mim mesmo, vou ler pra vocês, na seqüência, um fragmento do meu diário daqueles dias.

Passo as manhãs com Foucault e as tardes com Montaigne. Me interessa o que dizem, claro, mas me interessa, acima de tudo, seu modo de escrever e de ler; suas reflexões sobre a escrita e a leitura. O que eu gosto é de passar as manhãs com Foucault em sua biblioteca, com seus livros, com os livros que ele lia, que ele citava, em relação aos que ele pensava... E passar as tardes com Montaigne, imaginando-o, também, em sua biblioteca, nesse movimento quase enlouquecido entre as estantes que armazenam a leitura e a mesa que centra a escrita. A biblioteca em que passo as manhãs está cheia de foucaultianos de todas as raças, de todas as línguas e de todas as idades, que tentam falar como Foucault, pensar como Foucault, rir como Foucault, viver como Foucault e até morrer como Foucault. Nessa biblioteca, às vezes, tenho a estranha sensação de estar participando de um concurso de dublês de Foucault. Tanto é assim que penso, às vezes, que mesmo que nos intitulemos pesquisadores, todos viemos aqui com a secreta intenção, senão de ser Foucault, ao menos de que algo dele se encarne em nós. Mas no banco em que passo as tardes lendo Montaigne, vendo passar as garotas e pensando em minha vida, no mundo e em ti, sei que o que eu gostaria de verdade é ser Montaigne, esse cavalheiro francês ascético, elegante, cortês, constantemente assombrado pela riqueza da vida; esse homem do mundo, mundano no bom sentido da palavra, esse vivente, também no bom sentido da palavra, com uma liberdade interior quase inimaginável, capaz de uma enorme ternura com tudo o que o rodeava, uma ternura que nunca é sentimental; esse homem que viveu entre os livros, mulheres e cavalos,

sempre com o coração na mão, ou com o coração na pena, ou com o coração na língua, sincero, mas, ao mesmo tempo, discreto e contido; esse homem que fez, do cultivo paciente e obsessivo dos seus ócios e distanciamentos, uma obra, mas que também trabalhou quando teve que trabalhar, com toda a honestidade e sem nenhuma esperança; esse homem que inventou o ensaio e que fez de sua vida um ensaio com essa paixão, esse frescor, esse vigor, essa inocência e essa despreocupação que é própria dos começos de qualquer coisa, antes de sua cristalização em fórmulas; esse homem cuja língua me capturou nesta belíssima primavera na qual estou dedicando as manhãs para estudar Foucault, esse outro escritor com o qual também estou aprendendo o que significa ensaiar e o que significa ensaiar-se.

Ensaier e ensaiar-se, disso se tratava, para mim, naquela primavera parisiense. Por um lado, estava trabalhando nisso, as tecnologias do eu e as artes da existência. Por outro, já estava pensando na forma e no conteúdo daquilo que viria a ser o meu primeiro livro, selecionando minhas leituras, formando meu estilo, configurando minhas temáticas. No meio disso tudo, estava buscando a mim mesmo, pensando em quem eu era e no que eu queria fazer comigo mesmo. Estava começando a ensaiar e a ensaiar-me. E é aí que a leitura de Foucault misturou-se à de Montaigne. Poderia se dizer que essa primavera parisiense marcou meus últimos anos de formação. E agora que me tornei maior continuo com isso do ensaiar e do ensaiar-se, mas de outra forma, girando em torno da experiência na leitura e na escrita, elaborando a relação entre experiência e subjetividade, e entre experiência e pluralidade, tentando problematizar as três maiores linguagens da experiência: o poema, a narrativa e o ensaio. Enfim, é nisso que ando agora, lendo outra vez Montaigne, Adorno, Luckács, Musil, Benjamin, Foucault, tentando sondar como o ensaio pode ser tomado como uma linguagem da experiência, como uma linguagem que modula de um modo particular a relação entre experiência e pensamento, entre experiência e subjetividade, e entre experiência e pluralidade. E tentando pensar, em relação a isso, os limites e as possibilidades de minhas próprias opções de escrita. E é aí, nesse contexto, que preparei a minha participação nesta reunião, na qual eu já não sei se faço um balanço da obra de Foucault ou um balanço de mim mesmo.

Ensaio e experimentação

Se minha alma pudesse dar pé, eu não me ensaiaria, me resolveria; mas ela se encontra sempre em aprendizagem e à prova.

Montaigne

Na introdução ao segundo volume da *História da sexualidade, O uso dos prazeres* – um escrito que está entre o programático e o testamentário –, Foucault nomeia o seu trabalho com a palavra “ensaio”, assim, entre aspas. Todos vocês

conhecem a citação. Mas não vou lê-la agora para depois comentá-la, mas, sim, vou fazer exatamente o contrário. Vou deixar essa citação para o final, para lê-la depois da minha intervenção, depois de fazer algumas considerações sobre o ensaio. Não tanto sobre a forma do ensaio, mas sobre a operação do ensaio, sobre o que acontece ao pensamento quando ensaia, e à escrita, e à vida; sobre porque, às vezes, o pensamento e a escrita e a vida ensaiam, se fazem ensaio. Diz-se, com razão, que há tantos ensaios como ensaístas, que o ensaio é, justamente, a forma não regulada da escrita e do pensamento, sua forma mais variada, mais protéica, mais subjetiva. Poder-se-ia dizer, talvez, que o ensaio é uma atitude existencial, um modo de lidar com a realidade, uma maneira de habitar o mundo, mais do que um gênero da escrita. Poder-se-ia dizer, talvez, que o ensaio é o escrito precipitado de uma atitude existencial que, obviamente, mostra enormes variações históricas, contextuais e, portanto, subjetivas. Poder-se-ia dizer, talvez, que o ensaio é uma determinada operação no pensamento, na escrita e na vida, que se realiza de diferentes modos em diferentes épocas, em diferentes contextos e por diferentes pessoas. Poder-se-ia dizer, talvez, que o ensaio é o modo experimental do pensamento, o modo experimental de uma escrita que ainda pretende ser uma escrita pensante, pensativa, que ainda se produz como uma escrita que dá o que pensar; e o modo experimental, por último, da vida, de uma forma de vida que não renuncia a uma constante reflexão sobre si mesma, a uma permanente metamorfose. Todos vocês conhecem a importância que tem, em Foucault, essa tripla atitude experimental. E todos vocês devem ter atentado para a freqüência em que aparece a palavra experiência nos momentos em que Foucault tenta dar conta de suas intenções como escritor, como pensador, como militante, particularmente nos prólogos de suas obras maiores, nas introduções a seus cursos ou em muitas das entrevistas. De modo que, no interior dessas considerações sobre a operação ensaio, sobre a relação entre ensaio e experiência, sobre o ensaio como uma das linguagens da experiência, tentarei perfilar por que Foucault é um ensaísta e, acima de tudo, como o é, qual é a sua forma peculiar de realizar a operação ensaio.

É esse o assunto que gostaria de submeter às suas considerações. E se a obra de Foucault fosse uma operação-ensaio no pensamento, na escrita e na vida? E se fosse, também, uma operação sobre o ensaio? Porque o retorno do ensaio só pode ser problemático. Uma das características do ensaio é, precisamente, uma incessante problematização e reproblemáticação de si mesmo. Portanto, a questão não seria a da permanência, em Foucault, de um gênero tradicional, de um gênero que nasce com a modernidade e se desenvolve com ela, mas o modo como Foucault reinventa o ensaio, operando sobre aquelas peculiaridades que o constroem a ser um gênero moderno. A questão seria o modo como Foucault opera sobre o ensaio, para fazê-lo habitável e operativo, além de seus limites históricos.

Vou começar, então, a tratar desse assunto de um modo, sem dúvida, esquemático e provisório, e só depois, ao final desta conferência, lerei outra vez

essa famosa citação que tantas vezes lemos, que quase sabemos de cor, com a esperança de ter ampliado a sua sonoridade, de ter multiplicado suas ressonâncias, e com a esperança, por que não dizer?, de que nos diga algo sobre nós, agora que nos tornamos maiores, mais além ou aquém do esclerosamento escolar de uma obra cujos contornos nos são cada vez mais nítidos e em cujos limites e possibilidades ainda trabalhamos, os que estamos aqui, em diferentes contextos e com diferentes destinos.

Ensaiar no presente

Esta ordem não é tão firme como aparenta; nenhum objeto, nenhum eu, nenhuma forma, nenhum princípio é seguro; tudo sofre uma invisível, porém incessante, transformação; no instável, o futuro tem mais possibilidades que no estável, e o presente nada mais é que uma hipótese ainda não superada.

R. Musil

Não temos como herança mais do que vento e fumaça.

Montaigne

O ensaio surge quando se abre a possibilidade de uma nova experiência do presente. Primeiro, quando o passado perdeu toda a autoridade e, portanto, volta a ser lido a partir do presente, mas sem nenhuma reverência, sem nenhuma submissão. Segundo, quando o futuro aparece como algo tão incerto, tão desconhecido, que é impossível se projetar nele. Terceiro, quando o próprio presente aparece como um tempo arbitrário, como um tempo que não foi escolhido, como um tempo que só pode ser tomado como uma morada contingente e provisória, na qual sempre nos sentiremos estranhos; como um tempo que escorre constantemente das nossas mãos, resistindo a qualquer uma das nossas tentativas de fixá-lo, de solidificá-lo, de traçar a sua forma e o seu perfil.

O ensaio é uma escrita no presente ou, melhor dizendo, uma escrita que estabelece uma certa relação com o presente. Há uma vinculação bem estreita entre o ensaio e a atualidade. Mas uma vinculação que é, ao mesmo tempo, uma distância ou, melhor, que se produz através da distância. Em Foucault, que é um ensaísta fantasiado de historiador, trata-se de uma relação com o presente, que se produz por meio de uma distância temporal, construída de um modo muito específico.

O ensaio não se situa fora do tempo, mas no tempo e, além disso, num tempo consciente de sua fugacidade, de sua caducidade, de sua finitude, de sua contingência. O ensaio também é, mesmo que de outra forma, palavra no tempo, pensamento no tempo. Poderíamos dizer que o ensaísta pensa e escreve sabendo-se mortal, sabendo que tanto suas palavras como suas idéias são mortais e que, talvez por isso, estão vivas. O ensaísta sabe que nasceu e que morrerá.

Sabe que tudo o que é, suas palavras e suas idéias, seu modo de se relacionar com o mundo, com os outros e consigo mesmo, tem um começo e um fim. Só pode pensar a si mesmo a partir dessa origem e desse fim, no tempo que vai desde o seu nascimento até a sua morte, no tempo que lhe tocou viver, no tempo que lhe tocou pensar, no tempo que lhe tocou escrever.

No entanto, no ensaio não se trata do presente como realidade, mas como experiência. No ensaio trata-se de dar forma a uma experiência do presente. É essa experiência do presente a que dá o que pensar, a que deve ser pensada. A questão do ensaio é o que nos acontece agora, quem somos agora, o que podemos pensar e o que podemos dizer e o que podemos experimentar agora, neste exato momento da história. Por isso, quando o ensaísta adota a máscara do historiador, o tema de suas histórias não é o passado, mas o presente. O que interessa ao ensaísta-historiador é a história do presente: não a verdade de nosso passado, mas o passado de nossas verdades; não a verdade do que fomos, mas a história do que somos, daquilo que, talvez, já estamos deixando de ser.

Vocês sabem como se constrói essa relação com o presente na arqueologia, na genealogia: a arqueologia de nossos saberes, a genealogia de nossas práticas. Vocês sabem como aparece a questão da atualidade explicitamente tematizada em *O que é a Ilustração?*; qual é a relação que aí se estabelece com a maneira de interrogar o presente de Kant, de Baudelaire, nessa relação explícita entre uma experiência do presente e algumas formas de subjetividade. Vocês também sabem como se apresenta a questão do presente, nessa ampliação da distância histórica que se produz com o salto aos gregos. Sempre se trata de criar uma distância entre nós e nós mesmos. Sempre se trata de desconjuntar o presente, de desnaturalizar o presente, de estranhar o presente, de converter o presente, não em um tema, mas em um problema, de fazer com que percebamos quão artificial, arbitrário e produzido é o que nos parece dado, necessário ou natural, de mostrar a estranheza daquilo que nos é mais familiar, a distância do que nos é mais próximo.

Foucault produz essa desfamiliarização do presente, usando um recurso retórico de origem nietzschiana: nem sempre fomos o que somos. Vocês conhecem os começos de Foucault: a razão é uma invenção recente, o homem é uma invenção recente, a prisão é uma invenção recente, a escola é uma invenção recente, a infância é uma invenção recente, a normalidade é uma invenção recente, a sexualidade é uma invenção recente. Muitos dos livros de Foucault começam com um momento de estranhamento, com a localização no passado de algo em que, claramente, não podemos nos reconhecer: o suplício de Damians em *Vigiar e punir*, a nau dos loucos na *História da loucura*, e poderíamos multiplicar os exemplos. Trata-se de proibir a racionalização retrospectiva, a história linear, o sujeito constante e fundador. Trata-se de produzir, entre nós e o nosso passado, fraturas, diferenças, mutações, descontinuidades. Trata-se de apontar para algo de nosso passado que não podemos chamar de nosso, que possa ser tomado como o outro do que somos.

E se nem sempre fomos o que somos, é claro que nem sempre seremos o que somos. Vocês sabem como funcionam as ficções de futuro em Foucault. Se na relação com o passado se trata de proibir toda a racionalidade retrospectiva, na relação com o futuro trata-se de proibir toda a racionalidade projetável. Nada de propor essas alternativas que não são outra coisa do que uma projeção idealizada e deslocada do que somos. No modo que nos constitui, de marcar o tempo que virá, imaginar outro sistema ainda faz parte do sistema, desenhar uma imagem do futuro ainda faz parte das convenções do presente. Nada de utopias, essas confortáveis avenidas nas quais a continuidade entre o que somos e o que queríamos ser fica sublinhada, idealizada, magnificada. Vocês conhecem o uso magistral que Foucault faz desse efeito retórico da retro-profecia, de profetizar o olhar para trás, a partir de um tempo futuro, no qual o nosso presente aparecerá como estranho, como arbitrário, como exótico, como incompreensível. Trata-se de projetar o próximo fim do que somos e imaginar, a partir desse lugar fictício, alguém que nos olhará com esse mesmo rosto atônito com o qual nós temos o suplício de Damiel ou o suave deslizar da nau dos loucos.

Naturalmente, a questão é o que é o presente, o que o presente nos diz. Para isso, há que se buscar signos do presente, detalhes significativos, talvez miudezas, aspectos mínimos que pareçam banais, mas contemplados de outro modo, partindo de outro ponto de vista, de outra disposição, de modo que apareçam como vistos pela primeira vez. Trata-se de procurar detalhes que possam funcionar como sintomas, também no sentido médico da palavra: sintomas de nossa saúde e de nossa doença, de nossa vida e de nossa rigidez, do que somos e já não podemos ou já não queremos ser. Aí está a magia e o talento do ensaísta, nesse olhar afinado que lhe permite prestar atenção àquilo que habitualmente passa despercebido, ao detalhe, mas que, ao mesmo tempo, consegue que esse detalhe apareça sob uma nova perspectiva e que se amplie até o infinito, que expresse todo um mundo e toda uma forma de habitá-lo e, ao mesmo tempo, o estranhe até torná-lo inabitável. Ou torná-lo habitável, mas, precisamente, nesse estranhamento. Darei um exemplo. Alfredo Veiga-Neto acaba de me passar um texto muito belo que escreveu com Maura Corcini e que tem como epígrafe uma frase de *As palavras e as coisas*, que diz assim: “*aparentemente, este lugar é simples*”. O texto é uma descrição mais ou menos foucaultiana de uma fotografia que representa o fragmento de uma aula, de uma sala de aula. A foto de um lugar evidente, conhecido, aparentemente simples, mas que o talento do ensaísta é capaz de ampliar até derivar dele toda uma concepção do espaço e do tempo escolar, toda uma concepção da ordem pedagógica, de seus rituais, de suas regras, de seus limites e de suas possibilidades, também das resistências e das transgressões que se produzem em seu interior.

Mas o presente é difícil. A experiência do presente que o ensaísta isola e pensa tem que abrir caminho entre os porta-vozes do presente, entre os donos do presente, entre o ruído ensurdecador de tudo aquilo que nos é dado e nos é vendido como presente, entre as imagens por demais evidentes com as quais,

constantemente, se fabrica o presente. Por isso o ensaio é uma escrita no presente e para o presente, mas para o enfrentamento das certezas e das evidências do presente, para a des-realização do presente. Uma des-realização do presente, que tem conseqüências inevitáveis na des-realização do passado e, então, na des-realização do futuro.

Essa seria, para mim, a primeira operação de Foucault sobre o ensaio e sua marca em todos nós, leitores já velhos de Foucault: pensar o presente do ponto de vista de sua des-realização. Por isso os velhos leitores de Foucault têm sérios problemas não só com a idéia de realidade, não só com o assim chamado “realismo” filosófico, literário, epistemológico, artístico ou de qualquer outro tipo, mas com a própria realidade. A realidade, juntamente com a sua origem e o seu destino, sua aceitação e sua transformação já é, para nós, talvez para sempre, um problema. E a experiência do presente já se tornou, para nós, e talvez para sempre, o mais difícil.

Ensaio em primeira pessoa

Temos impedido nosso pensamento com o que é geral, com causas e comportamentos universais – os quais se conduzem muito bem sem nós; porém, é Miguel quem nos toca mais de perto que o homem.

Montaigne

O ensaio aparece com o eu, com o sujeito, com o sujeito moderno, mas não em sua força, em seu orgulho, mas em sua precariedade, em sua relatividade, em sua contingência. Daí a auto-ironia existencial, a relativização constante do eu, a rejeição permanente ao que poderíamos chamar, com Adorno, a coação da identidade. Poderíamos dizer que o ensaio participa de um dos princípios estruturantes do pensamento moderno: o sujeito como lugar e fundamento da verdade. Dissolvidas as garantias transcendentais, o sujeito não tem outro fundamento a não ser aquele que ele mesmo seja capaz de se dar. Por conseguinte, trata-se de um sujeito que, na modernidade, oscila entre sua precariedade e sua arrogância, o reconhecimento de sua insubstancialidade e sua vontade de fazer-se a si mesmo e de fazer o mundo. Mas mesmo que seja em sua face mais frágil, mais pessoal e mais modesta, o ensaio pertence, sem dúvida, a esse sistema de pensamento que Foucault chamou de pensamento antropológico.

O ensaio é uma escrita e um pensamento em primeira pessoa ou, melhor dizendo, uma escrita e um pensamento que estabelece uma certa relação com a primeira pessoa: que diz “eu”, mesmo não dizendo “eu”, que diz “nós” mesmo que a forma que esse “nós” adota seja um de seus maiores problemas. Além disso, a primeira pessoa não está presente necessariamente como “tema”, mas como ponto de vista, como olhar, como posição discursiva, como posição pensante. O ensaísta, necessariamente, não põe a si mesmo em sua escrita, em

sua linguagem ou em seu pensamento, mas, sem dúvida, tira algo de si e, acima de tudo, faz algo consigo mesmo escrevendo, pensando, ensaiando.

Trata-se não tanto da verdade subjetiva, como da verdade da subjetividade, na convicção de que o comunicável, o transmissível, o que vale a pena escrever, o que vale a pena pensar não é o real abstrato e nem o real empírico; não é a verdade mais ou menos definitiva do que são as coisas, mas a experiência viva de alguém, o sentido sempre aberto e móvel do que nos acontece. Não se trata de medir o que há, mas de medir-se com o que há, de experimentar seus limites, de inventar suas possibilidades.

A verdade do ensaísta não é algo exterior, mas algo que a própria vida faz. Trata-se da verdade da subjetividade, da verdade feita subjetividade – e de uma subjetividade que se faz verdadeira no ato mesmo de ensaiar-se. O ensaísta sempre escreve e pensa sobre si mesmo e a partir de si mesmo. O valor de sua escrita e de seu pensamento não se apóia em nada exterior, em nenhuma autoridade, em nenhuma convenção. Por isso, o ensaísta arca com a responsabilidade do que é dito, e é essa responsabilidade que o torna verdadeiro. O ensaio tem algo da expressão de uma subjetividade, da biografia de uma subjetividade. Mas desde que essa subjetividade expresse um mundo, o seu mundo. E, também, desde que essa subjetividade se ponha à prova, se ensaie, se invente e se transforme. Por isso, o ensaísta não só põe em questão o que somos, o que sabemos, o que pensamos, o que dizemos, o modo como olhamos, como sentimos, como julgamos, mas, acima de tudo, põe em jogo a si mesmo nesse questionamento. Por isso, o ensaio é, também, olhar a existência a partir dos possíveis, ensaiar novas possibilidades de vida.

A questão seria, então, se o ensaio pode dar conta dessa subjetividade que, ao mesmo tempo, reivindica uma experiência não antropológica ou não subjetiva do pensamento, da escrita e da vida. Foucault fez algumas operações a esse respeito. Foucault emancipou o ensaio da figura do autor, da figura desse que é o duplo literário do conceito filosófico de sujeito. E o desmascarou como ficção, como efeito da linguagem, destituiu-o de sua soberania. E Foucault transformou, também, a relação entre o sujeito e a verdade. Em primeiro lugar, desnaturalizando o dispositivo científico-técnico moderno, a partir do qual se definem as regras dos jogos de verdade. Em segundo lugar, criticando um certo modo de vinculação entre subjetividade e verdade e convidando a uma certa des-sujeição de si mesmo em relação às políticas da verdade. Por fim, tornando verdadeiro – uma experiência de verdade – aquilo que não deixa de destituir aquele que fala e de questionar seu próprio discurso, aquilo que não deixa de destituir aquele que pensa e de questionar seu próprio pensamento, aquilo que não deixa de destituir aquele que vive e de questionar a sua própria vida, sua própria existência. O ensaio, então, não é mais a expressão de um sujeito, mas o lugar no qual a subjetividade ensaia a si mesma, experimenta a si mesma, em relação à sua própria exterioridade, àquilo que lhe é estranho. O ensaio como

modo de escrita, de pensamento e de vida, no qual o sujeito faz a experiência de sua própria contingência e de sua própria transformação.

Por isso, no ensaio, o importante não é a posição do sujeito ou a o-posição ao sujeito, mas a exposição do sujeito; uma exposição que é um experimento de si no sentido ativo de quem faz uma experiência ou no sentido passional de quem padece uma experiência. O sujeito do ensaio, a primeira pessoa do ensaio, é um sujeito, ou uma primeira pessoa que se ensaia, um sujeito ou uma primeira pessoa experimentador e experimental.

Essa seria, para mim, a segunda operação de Foucault sobre o ensaio e sua marca em todos nós, leitores já velhos de Foucault: pensar o sujeito, essa primeira pessoa do singular que pensa, que escreve e que vive, do ponto de vista de sua transformação. Por isso, para nós, velhos leitores de Foucault, a primeira pessoa do singular, essa pessoa que diz “eu” quando pensa, quando escreve ou quando vive, já é, talvez para sempre, um problema, e já se fez para nós, talvez para sempre, o mais difícil.

Ensaiair à distância

Eu não pinto o ser, pinto o devir.
Montaigne

Homens de atos ou homens de ar, essa é a alternativa.
T.W. Adorno

O ensaísta abre e ajusta uma distância. Essa distância não só nos separa do mundo, da realidade, do presente, mas, acima de tudo, nos separa de nós mesmos. A questão é se essa distância ainda pode ser chamada de uma distância crítica ou de uma distância reflexiva, ou se conviria, talvez, aquilo que Tomás Abraham, na conferência de abertura deste mesmo seminário, chamou de uma distância mediadora.

O ensaio nasce com a crítica, é o gênero da crítica. No entanto, talvez seja preciso corrigir o que entendemos por crítica. Em primeiro lugar, se o ensaio é o gênero da crítica, é porque é o gênero da crise, da crise de uma certa forma de pensar, de falar, de viver. A experiência do presente faz desse mesmo presente um momento crítico, de transição, de mutação. E é nessa mutação que o ensaísta se quer inserir. O ensaio é a escrita de um tempo inseguro e problemático, de um tempo “à deriva”, como dizia Montaigne. Por isso, o ensaio floresce no Renascimento tardio, quando termina a grande cultura medieval com base teológica; também no Século das Luzes, quando o espírito crítico do Iluminismo coincide com a crise das filosofias sistemáticas do século XVII; também no século XIX, ao final das grandes construções do idealismo; e talvez agora, no nosso presente, com a crise da modernidade.

Por isso está ligado à perplexidade. E ao ceticismo. O ensaio tem algo de suspender o juízo. Aparece quando a faculdade de julgar some, quando os critérios com os quais podemos julgar o que é ou o que deveria ser, não existem. Há no ensaio uma renúncia à segurança da teoria, à segurança da prática. Por isso, está vinculado ao antidogmatismo em todas as suas formas: nem a segurança do sistema, nem a segurança do método, nem a segurança da idéia, nem a segurança dos fatos. O ensaísta não pode falar em nome de nada: nem em nome do saber sobre o presente, nem em nome do poder sobre o futuro. O ensaísta pratica a *skepsis* (crítica e indagação), mais do que a *gnosis* (saber). Mas trata-se de uma *skepsis* que se conserva como *skepsis*, que não almeja transformar-se em *gnosis*. O ensaísta não faz do ceticismo um saber, mas uma atitude.

No ensaio funciona uma crítica imanente. A crítica é parcial, provisória, aberta, sem fundamentos transcendentais. Trata-se de uma crítica fundada na experiência e, ao mesmo tempo, experimental, que abre a experiência. Trata-se, também, de uma crítica reflexiva, dobrada sobre si mesmo. No ensaio, a crítica confunde-se com a autocrítica, com o desprendimento de si, com um desprendimento que tem a ver com a des-sujeição dos jogos de verdade e dos jogos de poder, das inumeráveis redes que tecem a verdade e o poder, tanto do lado do poder da verdade, quanto do lado da verdade do poder. Por isso, no ensaio, a crítica é, indiscutivelmente, um exercício de liberdade ou de libertação, uma ascensão da liberdade. O ensaísta só pode confiar-se criticamente à própria experiência, só lhe resta experimentar, ver e fazer ver até onde é possível falar e pensar de outro modo, até onde é possível viver de outro modo. Por isso, não se trata, no ensaio, de cotejar a realidade com a idéia, mas de cotejar a experiência em relação à verdade do poder e ao poder da verdade. Algo que, talvez, se chame pensamento.

Esta seria, para mim, a terceira operação de Foucault sobre o ensaio e sua marca em todos nós, leitores já velhos de Foucault: pensar a crítica, ou a meditação, ou o pensamento, como um exercício de liberdade, como um exercício mais afirmativo do que negativo, mais criativo do que militante, mais de exposição do que de oposição. Por isso para nós, velhos leitores de Foucault, a crítica já é, talvez para sempre, um problema; e se tornou, para nós, o mais difícil.

Ensaiar escrevendo

Os outros formam o homem, eu o recito.

Montaigne

A escrita é um dos lugares do ensaio. Não há dúvida de que certos modos de produção artística também são atravessados pela operação ensaio. Seria interessante, talvez, pensar a partir desta perspectiva algumas das formas artís-

ticas mais experimentais das vanguardas históricas e de seus herdeiros. Alguns dos cineastas da Escola de Barcelona, desconfortáveis frente à distinção entre o cinema documental e o cinema de ficção, e longe, desde sempre, de toda intenção didática ou teórica, o que poderíamos chamar de cinema de tese, chamam de ensaios às suas produções. Tenho a sensação de que algumas das formas mais interessantes de renovação do romance o aproximam do ensaio, e não penso em Saramago. Além disso, em todos esses domínios, também se operaram profundas transformações na concepção do que seja a realidade (com novos conceitos e novas práticas do realismo), no que seja o autor, ou a obra, nas relações entre a arte e a verdade, a arte e a crítica, a arte e a liberdade. Em muitos domínios também se poderia pensar em algo assim como um retorno do ensaio, um retorno que é, também, uma reinvenção no momento que, ao reinventar-se, ao retornar problemáticamente, o ensaio se dirige a outra coisa, libertando-se de seus pressupostos modernos.

Sabemos que Foucault foi muito sensível à literatura e às artes. Sabemos que Foucault fez de sua relação com a literatura e com as artes algo mais profundo do que uma ocupação marginal, e algo mais profundo do que uma ocupação crítica. Foucault nunca fez crítica literária, e sequer filosofia da literatura ou da arte. Para Foucault, talvez, a literatura foi um dos lugares que ele escolheu para uma meditação sobre a relação entre escrita e pensamento. Por isso, a última parte desta conferência não pode ter outro lugar do que esse “entre”, entre pensar e escrever, entre escrever e pensar; o que seria uma escrita que pensa e que pensa sobre si mesma, e um pensamento que escreve e que escreve sobre si mesmo.

É sabido que o ensaio é considerado como um híbrido entre a filosofia e a literatura. Sua vontade de verdade o habilita como filosófico, e a sua vontade de estilo, como literário. Entretanto, no ensaio, tanto a verdade como o estilo são inseparáveis do sujeito e são inseparáveis da vida, da invenção e da experimentação de possibilidades de vida, de formas de vida, de estilos de vida. Mas é aí que aparecem os problemas. No ensaio moderno, precisamente por sua vontade de autoria, o estilo expressa, ao mesmo tempo, a experiência de um sujeito e a construção de um mundo. No ensaio moderno, o estilo é o homem, ou o autor, ou o sujeito. O estilo é a marca da subjetividade na linguagem. E na verdade. Mas na obra de Foucault trata-se de outra coisa.

A questão da literatura e sua sobreposição com a questão da escrita, da escrita pensante e da escrita do pensamento, não tem a ver somente com os recursos expressivos, mesmo que, nos recursos expressivos, não há dúvida de que Foucault é um escritor deslumbrante. Poderíamos dizer que, em Foucault, a questão da escrita é o núcleo fundamental no qual afirma e, ao mesmo tempo, problematiza sua vocação filosófica e sua concepção do pensamento. Foucault, a um só tempo, faz da filosofia, ficção, e da literatura, verdade. E aí a escrita aparece como o lugar do pensamento e como o enigma de um fosso reflexivo que

se abre. Em Foucault, o pensamento se faz escrita, se pensa como escrita e, no limite, se dissolve em escrita. E é justamente ao dissolver-se como escrita que ele se abre para a sua própria transformação, para seu próprio ensaio. Em Foucault, ensaiar seria uma experiência simultânea de escrita e pensamento, uma experiência na qual se decidiria o que nos é dado dizer e o que nos é dado pensar, ao mesmo tempo, no presente, na primeira pessoa.

E essa seria, para mim, a quarta operação de Foucault sobre o ensaio e a sua marca em todos nós, leitores já velhos de Foucault: transformar em problema a relação entre escrita e pensamento. Agora já sabemos que pensar de outro modo exige escrever de outro modo, que nossa vontade de um outro pensamento é inseparável de nossa vontade de uma outra escrita, de uma outra língua. Por isso, para nós, leitores já velhos de Foucault, a escrita já é, talvez para sempre, um problema, e a escrita se fez para nós o mais difícil.

Ensaíar

E agora sim, a citação:

Quanto ao motivo que me impulsionou foi muito simples. Para alguns, espero, esse motivo poderá ser suficiente por ele mesmo. É a curiosidade – em todo caso, a única espécie de curiosidade que vale a pena ser praticada com um pouco de obstinação: não aquela que procura assimilar o que convém conhecer, mas a que permite separar-se de si mesmo. De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece? Existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir. Talvez me digam que esses jogos consigo mesmo têm que permanecer nos bastidores; e que nos máximo eles fazem parte desses trabalhos de preparação que desaparecem por si sós a partir do momento em que produzem seus efeitos. Mas o que é filosofar hoje em dia – quero dizer, a atividade filosófica – senão o trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento? Se não consistir em tentar saber de que maneira e até onde seria possível pensar diferentemente em vez de legitimar o que já se sabe? Existe sempre algo de irrisório no discurso filosófico quando ele quer, do exterior, fazer a lei para os outros, dizer-lhes onde está a sua verdade e de que maneira encontrá-la, ou quando pretende demonstrar-se por positividade ingênua; mas é seu direito explorar o que pode ser mudado, no seu próprio pensamento, através do exercício de um saber que lhe é estranho. O “ensaio” – que é necessário entender como experiência modificadora de si no jogo da verdade, e não como apropriação simplificadora de outrem para fins de comunicação – é o corpo vivo da filosofia, se, pelo menos, ela for ainda hoje o que era outrora, ou seja, uma “ascese”, um exercício de si, no pensamento (Foucault, 1998, p. 13).

Coda

Deveria acabar aqui. Mas comecei esta conferência relembando o tempo em que éramos jovens e líamos Foucault, e isso se paga. Permiti-me ler-lhes um fragmento do meu diário daqueles dias, e isso se paga. Convidei-os a confundir o balanço da obra de Foucault aos vinte anos da sua morte com o balanço do que há de vivo em nós mesmos, e isso se paga. Assim, terminarei escrevendo uma palavra que gostaria no presente, que gostaria em primeira pessoa e que gostaria libertadora ou libertária. Uma palavra que não sei se é foucaultiana, mas acho que é, ou que poderia ser, pronunciada aqui e agora por um velho moralista que lia Foucault querendo ser Montaigne. Uma palavra que gostaria que nos protegesse, mesmo que apenas um pouco, desse destino talvez inevitável de golfinhos lamentáveis, de herdeiros da quarta fila, de usufrutuários de posições universitárias mais ou menos confortáveis, de caçadores de bolsas de estudo ou de pesquisa, de burocratas do pensamento, de peticionários de respeitabilidade ou de legitimação, de ladrões de idéias alheias ou de repetidores de textos alheios, de administradores de obras dos outros... Desse destino professoral, triste e moribundo que acompanha a todos os epígonos por demais covardes, por demais medíocres. Refiro-me à palavra *verdade*. Mas não entendida como a relação entre um enunciado e a assim chamada realidade, mas como a relação entre cada um de nós e sua escrita, seu pensamento e sua vida. Uma relação que não seja de domínio, mas de compromisso, que não seja de apropriação, mas de transformação. Que exista alguém dentro de nossa forma de escrever, de nossa forma de pensar, de nossa forma de viver. Seja a que for. Que mantenhamos, ao menos, a mínima dignidade de escrever sem mentir e sem mentir para nós, de pensar sem mentir e sem mentir para nós, de viver sem mentir e sem mentir para nós. Num presente cada vez mais difícil e nunca garantido. Numa primeira pessoa cada vez mais impossível, mas sempre perseguida. Numa distância crítica cada vez mais problemática e mais cética, mas cada vez mais livre. Ao mesmo tempo no singular e no plural. Escrevendo. Pensando. Vivendo. Sempre no devir. Ensaando. De outro modo. Talvez a lição de Foucault seja, em última análise, uma lição moral, como todas as que valem a pena. Algo que tem a ver com a verdade de um constante exercício de si na escrita, no pensamento, na vida. Algo que tem a ver com a honestidade e com a generosidade. Algo que tem a ver com o ensaio.

Nota

1. O presente texto foi apresentado como palestra de encerramento no *Seminário Internacional Michel Foucault: perspectivas*, realizado em Florianópolis, em setembro de 2004, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Referências Bibliográficas

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade II*. O uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

Tradução de Carla Cardarello, do original em espanhol.
Revisão de Rosa Maria Bueno Fischer.

Jorge Larrosa é professor da Universidade de Barcelona, Espanha.

Endereço para correspondência:
E-mail: jlarrosa@ub.edu